

Considerações sobre o falar (ou dialeto) cearense

Reflections on the language spoken in Ceará

José Lemos Monteiro*

Resumo

Este estudo tem por objetivo apresentar alguns fatos do português falado no Ceará. Inicialmente, parte-se do pressuposto de que muitos dos fenômenos linguísticos verificados ocorrem em diversas zonas ou regiões territoriais do Brasil. Em seguida, com base nas pesquisas já publicadas, são focalizados traços de natureza fonológica, lexicológica e morfossintática, ressaltando-se ao fim que um dos aspectos mais ricos e fascinantes do falar cearense reside na motivação expressiva dos arranjos ou construções frasais.

Palavras-chave: Português falado. Ceará. Sociolinguística.

Abstract

This essay intends to present some facts of the Portuguese language spoken in Ceará. Initially, we assume that many of the linguistic phenomena observed occur in different areas or territorial regions of Brazil. Next, based on previously published data, we focus on the traces of phonological, lexical and morphosyntactic nature. Eventually, we point out that one of the richest and most fascinating aspects of the Portuguese spoken in Ceará relies on the expressive motivation of phrasal ordering and construction.

Keywords: Spoken Portuguese. Ceará. Sociolinguistic.

Introdução

O assunto deste estudo envolve algumas questões de ordem conceitual e doutrinária. Quando se pretende tratar de aspectos característicos do uso da língua portuguesa no Ceará, de imediato surge um problema de delimitação bastante difícil de ser resolvido. Com efeito, é muito pouco provável que um determinado traço linguístico, frequente numa dada região, não ocorra também em outras. Os autênticos cearenismos, como de resto qualquer fenômeno dialetal brasileiro, quase sempre se propagam e assim deixam de ser traços exclusivos.

* Professor Doutor da UFC, UECE e UNIFOR. E-mail: jolemos@unifor.br

De modo inverso, brasileirismos de todas as procedências costumam falsamente ser classificados como característicos do Ceará por estudiosos da dialetologia, sem que haja nem mesmo provas históricas a que se possa recorrer.

Um problema não menos relevante diz respeito aos requisitos para que uma variedade de fala seja considerada um dialeto, não se chegando a um acordo sobre quantas peculiaridades, vocábulos ou construções para tanto são necessárias. Alguns linguistas afirmam que basta um traço específico ocorrente numa localidade ou circunscrição territorial. Mas, se for assim, uma língua será pulverizada de dialetos por toda a parte, uns que se distanciam tanto até a quase ininteligibilidade e outros com diferenças tão pequenas que nem sempre são percebidas. Ficando essa questão sem ser resolvida, optou-se por criar uma profusão de terminologias (*falar, subfalar, variedade linguística, norma, fala, jargão, koiné* etc.), algumas delas de conceituação imprecisa e, em certos contextos, substituíveis uma pela outra. Aliás, convém lembrar que o primeiro atlas linguístico brasileiro, elaborado sob a coordenação do professor Nelson Rossi (1963), se tornou conhecido pela designação de “Atlas Prévio dos Falares Baianos”.

Além disso, afirma-se que o dialeto, como variedade pertencente e subordinada a determinada língua, se limita a uma zona ou região territorial, em geral coincidente com as fronteiras geográficas, tais como rios ou montanhas. Todavia, parece ser comum haver dentro de uma mesma região mais de um dialeto ou, ao contrário, zonas distintas em que não se atesta qualquer diversificação linguística de relevo. Nesse sentido, refletindo sobre os usos da língua portuguesa no Ceará, é fácil concluir que a expressão *dialeto cearense* é de certo modo inadequada, visto que há localidades, como a região do Cariri, onde se observam traços não pertinentes em outras (por exemplo, a dentalização do /t/ e do /d/ antes da vogal /i/ ou a omissão de artigos antes de nomes próprios). É o caso de aludir outra vez ao Atlas Prévio dos Falares Baianos, cuja área de mapeamento incluiu os Estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins, seguindo-se a distribuição proposta por Antenor Nascentes (1961).

Assim sendo, é oportuno insistir, a solução de mapear os traços no sentido de identificar as isoglossas, gera sem dúvida uma total falta de correspondência entre o que se pretende classificar como dialeto e as fronteiras territoriais de uma região, muitas vezes modificadas por motivos políticos ou de ordem econômica e social. Este fato por si só já traz possíveis incoerências de designação. É suficiente o exemplo citado no parágrafo anterior: o fenômeno da dentalização do /t/ e do /d/ antes da vogal /i/ não ocorre apenas na região do Cariri, mas em zonas que se distanciam do território cearense. E existem vários outros casos. A abertura das vogais pretônicas, mal interpretada por alguns como peculiar do

dialeto cearense, pode ser identificada em diversos pontos do Brasil, merecendo enquadramento numa regra de harmonização vocálica.

Feitas essas ressalvas, o objetivo deste estudo em última análise passa a ser o de apresentar alguns aspectos do português do Brasil que, embora possam estar disseminados em várias localidades, ocorrem com bastante intensidade no dialeto ou falar(es) cearense(s).

1. Uma pequena amostra

Para tanto, talvez seja útil, e não apenas humorístico, recorrer-se a um texto ilustrativo intitulado “Declaração de amor a Fortaleza”, repassado de forma anônima pela internet, em abril de 2004:

Pense numa cidade pai d'égua! O ano todo com um calor de rachar o quengo. Toda noite tem comédia e o povo é bonequeiro que só! Tá pra nascer quem é de Fortaleza que não é amancebado com esse lugar. Tem é Zé prum cabra conhecer aqui e depois querer capar o gato. Pode ser liso, estribado, vir de perto ou lá da baixa da égua. Qualquer um fica ariado quando vê as praias daqui. Fica logo todo breado de areia, depois se imbioca no mar e num quer mais sair nem a pau. Depois de conhecer a negada, então, vixe! Se a cidade é boa assim, avalie o povo! Tem gente de todo jeito: do fresco ao invocado, do batoré ao galalau, dos gato réi às ispicute, do cabra-macho ao fulerage e muitas outras marmotas. Bom que nem presta. É por isso que nas férias dá uma ruma de turista tudo doído por uma estripulia. Porque sabem que Fortaleza não é de se rebolar no mato. Só precisa dar um grau ou uma guaribada aqui ou ali, mas, mermo assim, tá de parabéns, porque, arrégua, ô corra linda, macho!

Falantes cultos residentes no sul do país ou até mesmo em certas partes do nordeste brasileiro estranharão por certo o emprego de diversos vocábulos e construções bem conhecidas e usadas na cidade de Fortaleza. Algumas dessas expressões têm caráter intensificador e, no caso de substantivos e adjetivos, funcionam como se formassem o grau aumentativo ou o superlativo. Assim, *calor de rachar o quengo* equivale a “calorão” ou “calor muito forte”, *bonequeiro que só* se traduz aproximadamente por “muito complicado” ou “cheio de artimanhas”. Esse caráter intensificador se faz presente, de modo semelhante, em expressões adverbiais (*lá da baixa da égua, nem a pau* etc.) ou idiotismos sintáticos (*tem é Zé*), o que revela o propósito expressivo como fonte

motivadora de sua criação.

O texto evidencia ainda a presença de traços fonológicos, como a transformação da fricativa surda ou sonora em laringal (*rêi* por “velho”, *mermo* e *corra* em vez de “mesmo” e “coisa”), bem como uma série de alterações mórficas determinadas pelos metaplasmos de aumento (*ispilicute* por “explicute”, derivado de “explicar”) e de supressão (*fulerage, réi*), fatos ainda não aceitos pela norma culta e, portanto, fortemente estigmatizados.

2. As pesquisas sobre o falar cearense

Contrariamente à ideia de que, no campo dos estudos dialetais brasileiros, quase tudo está por ser investigado, comprova-se por um levantamento de fontes bibliográficas (Monteiro, 1995) que o falar cearense tem sido objeto de muita atenção dos estudiosos. Entre esses, destacam-se os que tiveram uma preocupação lexicográfica, organizando glossários ou dicionários, como Girão (1967), Riedel (1982) e Cabral (1972, 1982). Outros, entre os quais Aguiar (1937), Andrade (1974) e Seraine (1942, 1954, 1985, 1987) se detiveram mais numa tarefa descritivista, inventariando e interpretando os fenômenos linguísticos. Outros, enfim, como Barroso (1949, 1962, 1979), Caminha (1978), Campos (1951, 1964, 1966, 1967), Paiva (1952) e Salles (1924, 1927), com o fim de enriquecer suas obras literárias pelo uso de um léxico genuinamente popular, registraram uma grande quantidade de termos e expressões.

Com base nos trabalhos desses estudiosos, pode-se então exemplificar e fundamentar os principais traços característicos do falar cearense.

2.1 Traços rítmico-entonacionais

O cearense fala com um sotaque bem peculiar. Sua pronúncia é marcadamente qualificada como *lenta, cantada e arrastada*. Isto constitui por si só um fator de discriminação ou preconceito linguístico e já foi associado até às condições precárias de vida do homem sertanejo, o que parece uma explicação verdadeiramente absurda. Leia-se a propósito, sem se levar a sério, a seguinte citação: *As repetidas secas – fonte de vivos padecimentos – ocasionaram, sem dúvida, o tom plangente ouvido na fala de certas pessoas, mormente do sertão* (Seraine, 1942, p. 16).

2.2 Traços fonológicos

Talvez o que mais se evidencia seja o fenômeno da abertura das vogais pretônicas. O cearense pronuncia /abèstadu/, /filòsòfia/, /kòlèju/ e assim por diante. Não se trata, conforme já se fez referência, de algo exclusivo de seus

hábitos linguísticos, verificando-se o mesmo em diversas localidades brasileiras. Eis o que há bastante tempo já observara Aguiar (1937, p. 273): *No Maranhão se encontra bôtar, embora se diga menos frequentemente do que butar, e é só bôtar o que se ouve no Piauí e na Bahia.*

Sem dúvida, é de Aguiar (1937) a primeira interpretação, válida até os dias atuais: as pretônicas se abrem quando a tônica tiver o timbre aberto, como em *sècrètário, lèvar, bèdel, mòrtalha, sòldado e colégio*; elas se fecham se o timbre da tônica for fechado, a exemplo de *rebôco, sôfrêr, còlôssô, dôlôrôso, hòrrôroso e bôlêto*. Trata-se, pois, de um processo assimilativo, de uma tendência à harmonização vocálica.

Os demais fenômenos fonológicos ocorrentes no falar cearense são em geral devidos aos metaplasmos de aumento, permuta ou supressão. Assim, a monotongação ou redução dos ditongos a uma vogal simples, como em /bêju/, /lôra/, /kaxa/ e /lavô/. De modo análogo, a queda de fonema no início (aférese), como em /kustumádu/ < “acostumado”; no meio (síncope), como em /xíkra/ < “xícara”, /awkãtra/ < “Alcântara”, /pasu/ < “pássaro” /fòscu/ < “fósforo” e /ispritá/ < “espírita”; no fim de palavra, como em /vivê/, /likô/ e /kuyé/. Os casos de aumento se verificam da mesma maneira no início (prótese): /alevãtá/ < “levantar”; no meio (epêtese): /kutruvíá/ < “cotovia”, /ispiliká/ < “explicar”; no final de palavras (paragoge): /sòmèntis/ < “samente”. São frequentes também as nasalizações (/gunvernu/, /bãñãna/), as hipéteses ou metáteses (/silôra/ < “ceroula”, /vridu/ < “vidro”, /kruva/ < “curva”) e o ieísmo ou iotização (/tãmãyu/ < “tamanho”, /põyu/ < “ponho”, /kuypádu/ < “culpado”, /muyé/ < “mulher”). De todos os fenômenos, o que parece mais interessante é a glotalização, presente na interjeição /?wá/. Conforme se sabe, no sistema fonológico do português não existe um fonema glotal. Mas a interjeição *éguá!*, sendo proferida com a aférese da vogal, se realiza com uma consoante inicial articulada na glote. Ou seja, mais para trás do que a pronúncia laringal das fricativas, o que já foi exemplificado anteriormente.

Cumprê ressaltar que tais alterações na forma dos vocábulos muitas vezes são resquícios do português do início da colonização brasileira. O que se tornou arcaísmo em Portugal está em plena vitalidade no sertão nordestino, segundo se constata nos seguintes fenômenos:

- Dissimilação: *menhã, rezão, fermosa, preposição*;
- Permuta do /o/ por /u/: *cuberto, costumava*;
- Redução do ditongo /wa/: *coresma (quaresma)*;
- Conservação do ditongo /uy/: *fruta, fruitazinha, fruto, escutar*;
- Manutenção do /a/ protético: *assoprar, arriba*;

- Permuta do /l/ por /r/ em grupos consonânticos: *frecha*, *prantar*, *pobrema*.

Para finalizar esta parte, convém transcrever uma curiosa explicação de Seraine (1942, p. 17) sobre a presença dos metaplasmos na fala rústica. É lógico que a hipótese formulada não tem qualquer fundamentação científica.

A alimentação, deficiente e pouco nutritiva em geral, naturalmente concorre para modificações em nossa fisiopsicologia e, quem sabe, determinará, ao lado de outros fatores, através de gerações, não só uma imperfeita conformação dos órgãos vocais, como hábitos adquiridos, que irão prejudicar a mais e mais, a emissão normal dos fonemas.

2.3 Aspectos morfológicos e lexicais

No domínio da morfologia e da lexicologia, encontra-se no falar cearense uma série de fenômenos que podem ser pouco frequentes em outras regiões do país. Entre os mecanismos mais interessantes, é lícito mencionar:

- a formação de verbos derivados por sufixação a partir de bases nominais: *eguar*, *bestar*, *assuntar* etc.
- a aplicação do sufixo diminutivo, com valor afetivo, em bases não nominais: *aquelezinho*, *ficouzinho*, *dormidinho* (ou *dormindinho*);
- a alternância entre as formas –inho e –im, esta última bem mais frequente: *livrim*, *bichim*, *sozim*.
- o emprego dos prefixos –in e –a com valor protético: *intropicção* (“tropeção”), *intropicar* (“tropear”), *abastar*;
- a formação de verbos mediante acréscimo de prefixo e sufixo: *desmastrear* (“humilhar”, “derrubar”);
- o uso do sufixo aumentativo para formar adjetivos a partir de verbos: *poupão* (“boi que se poupa”);
- a permuta de sufixos para atribuição de valor pejorativo: *cafedório*, *poveiro*, *piauizeiro*, *paroara*, *ceariba*.
- a derivação sufixal a partir de sintagmas: *semodagem* (de “sem modos”), *semancol* (de “se mancar”), *caradurismo* (de “cara dura”);
- a formação de adjetivos mediante derivação regressiva: *estrompa* (“sujeito violento”).
- a flexão de gênero para substantivos ou adjetivos normalmente de gênero único: *diaba*, *peixa*, *cearense*.

- uma grande quantidade de termos alterados ou produzidos com intuito expressivo: *chubata*, *lagalhê* (“pessoa ínfima e desprezível”), *coxia* (“sarjeta”), *bribado* (de “briba”, por “víbora”), *escalafobético*, *dismilinguir*, *canelal*, *figança*, *alvação* (“gado branco”), *manhecença*, *bodete* (diminutivo de “bode”), *soltura* (“diarreja”), *mamimolência*, *estrovenga*, *bafafá*, *espiritado*, *nhenhênm*, *fulustreco* etc.

Além disso, no repertório lexical, constata-se a existência de indigenismos (*tipioia*, *sericoia*, *cunhã*, *taquara* etc.) e de africanismos (*aluá*, *mocambo*, entre outros). Há, por fim, alterações de ordem semântica, como as que se observam no uso de *direito* (no sentido de ‘obrigação’), *bondades* (“preconceitos”), *talento* (“força muscular”), afora um grande número de tropos populares: *branca* por *aguardente*, *amarelo* na acepção de *pálido*, *fininha* em vez de *diarreja* etc.

2.4 Construções morfossintáticas

No campo da sintaxe, constata-se a ocorrência de construções que, tomadas em conjunto, definem uma feição particular do falar cearense. Algumas, como a perda da marca de concordância (no texto transcrito anteriormente há exemplos: *dos gato rei*, *às ispilicute*), se generalizam por todo o Brasil. Outras aparecem em localidades não contíguas, como é o caso do emprego do pronome *tu* com verbo na terceira pessoa (*tu é besta*, *tu vai*, *tu quer* etc.), geral por exemplo em Fortaleza e em Porto Alegre quando, em outras cidades a flexão verbal se ajusta à segunda pessoa (em Belém se diz, frequentemente, *tu és*, *tu queres*). Além desses fatos, é oportuno mencionar os seguintes:

- o advérbio de negação depois do verbo: “Carece não”. “Se avexe não!”
- a reiteração do advérbio de negação: “Não vou não”.
- a substituição dos pronomes oblíquos pelos retos correspondentes: *chamou eu*, *abraçou eu*...

Contudo, o que mais sobressai é um vasto repositório de frases feitas ou expressões gramaticalizadas, representando uma boa fonte de investigação em termos históricos ou mesmo puramente descritivos, com o que se conseguiria por certo fornecer subsídios para a análise de traços do português do Brasil ainda não satisfatoriamente esclarecidos. Só a título de ilustração, verificam-se alguns desses curiosos torneios sintáticos nos exemplos abaixo citados:

- “um bocado de vez”
- “estar caidinho por...”

- “que saimento é um?”
- “ter de um tudo”
- “desde de tarde”
- “numas e noutras”
- “botar banca”
- “dobrar a língua”
- “tirar o pé da lama”
- “lá nele” (apontando para uma parte do próprio corpo)
- “arre égua!”; “arre diabo!”
- “não dormir no ponto”
- “cair na vida”
- “fazer fé na centena”
- “sua lambisgoia!”
- “passar os dias assuntando”
- “andar nos trinques”
- “desembuche, seu danado”
- “não intrujar”
- “um toró danado pra diabo”
- “no rumo da venta”
- “diabo é isso?”

Considerações finais

Tudo o que se exemplificou não passa de uma simples amostra, talvez até pouco representativa, dos traços que singularizam o falar cearense. Mas, apesar dessas limitações, foram ressaltados alguns fenômenos que estão exigindo sempre novas pesquisas, no sentido de explorar ou interpretar fatos linguísticos não raro ausentes nos trabalhos de nossos lexicógrafos ou gramáticos que se voltam para o português do Brasil.

Saliente-se também que um dos aspectos mais ricos e fascinantes do farto material a ser investigado reside na motivação expressiva presente na formação de cearensismos lexicais e na combinação ou arranjo sintático que gera tipos de frases ou construções tão peculiares que a muitos pareceriam até agramaticais.

O desafio ou convite a novas pesquisas se faz mais urgente quando se sabe que, apesar dos inúmeros estudos já levados a termo, nem sempre são bem

divulgados e discutidos. E, por outro lado, a cada dia novos fatos podem estar surgindo, com tendência a substituir variantes que sequer foram analisadas.

Referências

AGUIAR, Martinz de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, v. 51, 271-307, 1937.

ANDRADE, Hamilton Cavalcante de. *O dialeto cearense*. 1974. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

BARROSO, Gustavo. *Praias e várzeas / Alma sertaneja*. Rio Janeiro: J. Olympio, 1979.

BARROSO, Gustavo. *Terra de sol: natureza e costumes do Norte*. 6. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1972.

CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1978.

CAMPOS, Eduardo. *À véspera do dilúvio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1966.

CAMPOS, Eduardo. *O chão dos mortos*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

CAMPOS, Eduardo. *Os deserdados*. Fortaleza: Ed. Comédia Cearense, 1967.

CAMPOS, Eduardo. *Medicina popular do Nordeste*. Fortaleza: Clã, 1951.

GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do dialeto cearense. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*, Fortaleza, v. 9, p. 68-94, 1995.

- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1958.
- PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Saraiva, 1952.
- RIEDEL, Oswaldo. Glossário de termos usados na medicina popular do Ceará. *Revista da Academia Cearense de Farmácia*, Fortaleza, n. 2, p. 21-28, 1982.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SALLES, Antonio. Notas de linguagem (Falar cearense). *Almanach do Estado do Ceará*, Fortaleza, p. 339-342, 1924.
- SALLES, Antonio. O falar cearense. *Almanach do Estado do Ceará*, Fortaleza, p. 86-90, 1927.
- SERAINE, Florival. *Dicionário de termos populares* (registrados no Ceará). Rio de Janeiro: Simões, 1958.
- SERAINE, Florival. *Ensaio de interpretação linguística*. Fortaleza: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1954.
- SERAINE, Florival. *Estudos cearenses*. Fortaleza: [s.n.], 1942. (Temas de linguagem).
- SERAINE, Florival. *Linguagem e cultura: estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.
- SERAINE, Florival. *Temas de linguagem e de folclore*. Fortaleza: Stylus, 1987.